

A piscina em *Que horas ela volta?*¹

Tarcis PRADO JÚNIOR²

Resumo

A proposta do estudo é analisar algumas cenas do filme *Que horas ela volta?*(2015), de Anna Muylaert, onde a piscina estabelece rituais de passagem (entendidos aqui como “batismo”) na narrativa. Como metodologia de análise foi utilizado o conceito de fratura em Greimas e pequenas crises, com Gumbrecht. Os resultados da discussão mostram que a piscina (objeto estético) presente nas cenas da obra analisada promove momentos de ruptura na história, partindo de uma *pseudo* normalidade para situações decisivas na dinâmica dos personagens de Muylaert. Dessa forma, pode-se perceber que a piscina promove uma espécie de “batismo” no filme da diretora, ritual este que emerge de fraturas (Greimas) e pequenas crises (Gumbrecht) inseridas propositalmente na narrativa por meio de reiterações imagéticas e assim desvelando para o espectador os momentos mais decisivos da trama.

Palavras-chave: Cinema; Piscina; Que horas ela volta?; Greimas; Gumbrecht.

Introdução

A matéria prima do cinema é a própria realidade (METZ, 1980). Nesse sentido os filmes mostram diferentes perspectivas de expressão do que sejam suas próprias dimensões dessa realidade. Os cineastas se utilizam de paisagens, materiais, formas, cores, coreografias e vastos elementos estéticos para validar sua narrativa. Muitos deles, por utilizarem reiterações isotópicas acabam imprimindo uma assinatura, uma marca e então temos uma cara de filme para cada obra de determinado diretor (assim acontece com Sauer, Almodóvar, Wenders e Allen, por exemplo).

A cineasta brasileira Anna Muylaert também lança mão dessas reiterações isotópicas para destacar mudanças e transformações em sua obra *Que horas ela volta?* (2015). No caso, a piscina (principalmente a água) é o elemento presente nos momentos mais decisivos da história de *Val*, *Jéssica* e a família a qual mãe e filha estão ligadas.

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, email: tarcisjr@yahoo.com.br.

O filme destaca no elemento água o ritual de passagem, numa espécie de “batismo”, e também numa tensão entre a transformação e a convicção de ideias latentes que vão se desenvolvendo no decorrer da película com maior ou menor intensidade, conforme a proposta da diretora. A obra guarda também semelhanças estéticas com os filmes *La piscine*, de Jaques Deray (1969), *Má Educação* (2004) e *Julieta* (2016), estes últimos de Pedro Almodóvar, por utilizarem a piscina como pano de fundo para os acontecimentos na tela (em Deray) e por mostrar a água e seu poder de transformação (com *Julieta*) e quebra de tabus (*Má Educação*) das personagens e na narrativa. Outro filme que se utiliza da água como recurso estético (especificamente o rio) é *Diários de Motocicleta* (2004) de Walter Salles, onde o personagem *Ernesto Guevara de la Serna* (o Che) cruza um rio que separa a ala dos médicos num leprosário no Peru, do setor de doentes, estabelecendo assim o seu “batizado” que faria dele, mais tarde, um ativista e personagem político do século XX.

A análise fílmica das cenas é realizada neste estudo sob inspiração nas “fraturas” (GREIMAS, 2002) e “pequenas crises” (GUMBRECHT, 2006). Os trechos escolhidos são os que mostram os personagens em contato com a água ou próximos a ela. Além desta introdução o trabalho está distribuído em cinco partes onde primeiro é exposto o que Greimas (2002) entende por fraturas; na segunda mostramos as pequenas crises de Gumbrecht (2006); na terceira contamos do que trata a película objeto de estudo; na quarta temos então a análise das cenas escolhidas; e por fim as considerações finais.

As fraturas em Greimas

A comunicação estética se realiza no plano visual – é a ilha inteira, completamente desfigurada, que o sujeito “vê” – e ainda somente no que é eidético; a cor aqui nunca intervém (...) o deslumbramento atinge o sujeito e transforma sua visão: encontramos-nos diante de uma estética do sujeito (GREIMAS, 2002, p. 26).

Desse modo, a própria apreensão acontece como numa relação particular estabelecida, no quadro actancial, entre o sujeito e um objeto de valor. Essa relação não é “natural”; sua condição primeira é a parada do tempo, marcada figurativamente pelo silêncio que bruscamente sucede ao tempo cotidiano, representado como um ruído ritmado (GREIMAS, 2002, p. 25). Ou seja, no nosso dia a dia somos todos surpreendidos por momentos que captam – e raptam – nossa atenção, fazendo com que esqueçamos, momentaneamente, da

nossa ordinaridade da vida (por vezes para o bem, outras, para o mal) para momentos singulares, singelos, prosaicos.

Em *Da Imperfeição*, Greimas (2002) trata também da figura do *guizzo*, utilizando o personagem de *Calvino*, o senhor *Palomar*. No trecho apresentado ele descreve a cena de *Palomar* avistando na praia uma moça com o seio nu deitada na praia e sua atitude frente a esta paisagem:

Como bom filósofo da vida cotidiana, ele não deixa de se interrogar sobre a atitude a tomar ante a vista de um seio nu, que é uma coisa agradável de olhar, um objeto estético e, ao mesmo tempo “aquilo que na pessoa é específico do sexo feminino” e que, por isso, coloca problemas de moral social (GREIMAS, 2002, p. 31).

Enquanto a sensorialidade, em *Michel Tournier* tem-se um “deslumbramento feliz” (GREIMAS, 2002, p. 35), em Ítalo Calvino (com o personagem *Palomar*), o encantamento vem da fascinação do objeto (o seio nu da mulher na praia). Mais adiante Greimas analisa o poema *Exercícios de Piano*, e destaca dois argumentos estéticos:

No plano do enunciado a experiência da jovem diante do parque; no plano da enunciação (enunciada), a apreensão, pelo recurso do devaneio, das formas organizadas de nosso imaginário. O corpo do poema é dividido em duas partes aproximadamente iguais. A primeira, descreve a espera do advento da “realidade” e a segunda, seu rechaço, enquanto a visão do “parque”, objeto estético por excelência, intercala-se entre ambas (GREIMAS, 2002, p. 42).

Se nas outras narrativas analisadas Greimas aborda a luz e a fascinação do objeto, por meio da sua observação, neste poema, ele coloca a taticidade como experiência estética. Aqui a jovem deseja se encontrar com o objeto, mas o repele por, talvez, medo.

As cenas do filme escolhidas para a análise neste estudo vão destacar também essa ideia do autor. A conjunção “real” do objeto e a realidade sonhada pelos personagens surgem a partir da perspectiva do contato com a água.

Em *Que horas ela volta?* pode-se perceber também a “cor da obscuridade”, a cor das trevas à luz de uma chama (GREIMAS, 2002, p. 49), que o autor aborda em *Da Imperfeição*.

Objeto estético único, efêmero, percebido uma única vez na vida: sua aparição se deve, ademais, a uma convergência de circunstâncias e não a uma disposição particular do sujeito. É no próprio instante em que ele penetra na sala que a vela é acesa pela empregada e que se produz a

fratura, comparável ao guizzo calviniano, revelando o objeto estético em todo o seu esplendor (GREIMAS, 2002, p. 49).

Gumbrecht: as pequenas crises.

Gumbrecht (2006) chama de pequenas crises os momentos em que o fluxo do cotidiano é interrompido por acontecimentos envolvendo objetos que durante muito tempo nos foi familiar e, de repente e sem qualquer motivo visível, ganha uma aparência estranha ou causa um sentimento de estranheza. O autor ilustra esse conceito a partir da sua experiência ao fazer a barba.

Acontece comigo, mais ou menos uma vez por semana, que, ao fazer a barba de manhã, as minhas orelhas aparecem como um acréscimo alheio ao meu rosto, na maneira com que aparece no espelho. Sua forma se torna estranha, quase grotesca; elas parecem supérfluas e desnecessárias em relação à sua função. Às vezes sinto um embaraço por sua causa, mesmo não havendo ninguém olhando para mim (GUMBRECHT, 2006 p. 55).

O que interessa nesse estudo é a perspectiva das pequenas crises no fortuito, no repentino e não na continuidade, na rotina que o autor destaca quando propõe que a experiência estética pode também estar no uso contínuo do objeto, como no exemplo da cadeira confortável (ao estilo Bauhaus).

A experiência estética nos mundos cotidianos, apesar de apontar para um novo estado universal do mundo, sempre será uma exceção que, de maneira totalmente natural e de acordo com cada situação individual, desperta em nós o desejo de detectar as condições (excepcionais) que a tornaram possível (GUMBRECHT, 2006). O autor então propõe algumas situações em que essas crises no cotidiano podem acontecer.

A primeira delas é o exemplo do papel higiênico nos hotéis mundo afora. Em muitos desses estabelecimentos, o pessoal da limpeza deixa o papel dobrado, bem ao estilo origami, para que o hóspede talvez sinta que aquele local é diferente do da sua casa, como se representasse uma quebra na sua rotina em sua versão mais prosaica. (GUMBRECHT, 2006 p. 51).

A segunda situação que o autor aborda em seu texto é o exemplo do movimento “Nova Objetividade”, muito discutida entre os protagonistas do Bauhaus, onde o valor estético de um objeto estaria na sua forma voltada a sua funcionalidade.

Trata-se da convicção de que um máximo de adaptação da forma de um objeto à sua função produziria necessariamente o mais alto valor estético. “Quanto mais funcional, mais bonito”, teria sido o lema apropriado (GUMBRECHT, 2006, p. 51).

E a terceira situação que Gumbrecht (2006) aborda no texto é o exemplo do que chamamos de “comida chique”, “roupa da moda” e elegância na solução de problemas matemáticos complexos, por exemplo.

Os conteúdos da experiência estética se nos apresentam como epifânicos, isto é, eles aparecem repentinamente (“como um relâmpago”) e desaparecem de repente e irreversivelmente, sem permitir-nos permanecer com eles ou de estender sua duração (GUMBRECHT, 2006, p. 55). Os personagens de *Que horas ela volta?* são pegos por esses momentos fugazes no filme, que os provocam, envolvem e fazem da obra de Muylaert, algo de uma beleza estética, no nosso entendimento, primorosa.

Que horas ela volta?

Depois de deixar a filha no interior de Pernambuco e passar 13 anos como babá do menino *Fabinho* em São Paulo, *Val* tem estabilidade financeira mas convive com a culpa por não ter criado sua filha *Jéssica*. Às vésperas do vestibular do menino, no entanto, ela recebe um telefonema da filha que parece ser sua segunda chance. *Jéssica* quer apoio para vir a São Paulo prestar vestibular. Com alegria e ao mesmo tempo apreensão, *Val* prepara a tão sonhada vinda da filha, apoiada por seus patrões. Mas quando *Jéssica* chega, a convivência é difícil. Ela não age dentro do protocolo esperado para ela, o que gera tensão dentro da casa. Todos serão atingidos pela autenticidade de sua personalidade. No meio deles, dividida entre a sala e a cozinha, *Val* terá que achar um novo modo de vida.

O filme de Anna Myulaert já chegou provocando debates pois o mesmo problematiza as questões sociais da época pós protestos de junho de 2013, e em meio a uma grande crise de legitimidade dos governos em âmbito nacional, estadual e municipal. Uma das críticas feitas no site *Adorocinema.com* aborda isso em perspectiva.

Em pleno período pós-eleitoral, quando cidadãos e representantes eleitos contestam as regras, as alianças e a estrutura do sistema político brasileiro, chega um filme exemplar para discutir este Brasil dividido: *Que Horas Ela Volta?*, de Anna Myulaert. Misturando drama e comédia, o filme consegue confrontar o Nordeste e o Sudeste, os ricos e os pobres, o Brasil

segregacionista e a ideia de união nacional. Regina Casé interpreta Val, uma empregada doméstica de Recife que mora há mais de uma década em São Paulo, na casa dos patrões. Dentro deste amplo lar de classe média-alta, Val é considerada “quase da família”, tendo criado os filhos dos patrões como se fossem os próprios, mas ela ainda faz as suas refeições em uma mesa separada, dorme no quatinho dos fundos e jamais colocou os pés na grande piscina onde os outros se divertem. O elemento que permite implodir a dinâmica familiar é a chegada de Jéssica (Camila Márdila), filha de Val, à casa dos patrões, na intenção de se preparar para o vestibular. Questionadora, ela funciona como um elemento de subversão que ressalta a artificialidade daquela estrutura, que parecia natural tanto à família quanto a Val. Como o visitante de Teorema, a garota de passado misterioso chega para seduzir o pai e o filho, questionar a autoridade da patroa e desestabilizar a própria mãe. (ADOROCINEMA, 2015).

Já a revista Carta Capital, provoca ao questionar a utilização de estereótipos e reduzir algumas discussões à meritocracia. Na sua crônica, Matheus Pichonelli, ainda coloca em perspectiva as características geracionais lembrar que Jéssica aprendeu desde cedo a dizer “não” e que cresceu num mundo mais colaborativo que subserviente (traços da *geração Z*).

A “ocupação” de Jéssica, portanto, é antes simbólica: ela prenuncia uma geração muito mais preparada para compreender e rejeitar as assimetrias assentadas em acordos invisíveis. Em outras palavras: ela tem à sua disposição um repertório para dizer “quem você pensa que é?” quando alguém lhe delega uma submissão incompatível com os sua vocação. Diferentemente da mãe, ela pertence a um grupo mais ciente de seus direitos e desejos. (PICHONELLI, 2015)

O filme de Muylaert desperta polêmicas, agrada a uns e outros não mas o interessante é que ele retrata o país de uma maneira que leva o espectador ao estranhamento (FREUD, 2010) pois ao identificar no filme o quarto minúsculo da empregada naquela mansão, a atitude servil de *Val* em relação aos seus patrões, o perfil de cada personagem presente no filme, ele traz à memória situações já vividas e que (talvez?) o incomodam pois, segundo Freud “deveria ficar reprimido”.

A piscina

Diversas cenas do filme são passíveis de análise, porém o presente estudo encerra a perspectiva da piscina que pontua a narrativa presente desde a abertura até seu desenvolvimento e desfecho. A piscina, em *Que Horas* tenciona e modula as relações entre os personagens *Val* e os patrões, até a chegada de *Jéssica*, e depois ela volta a fazer o mesmo entre a jovem, *Fabinho* e o amigo e, ao final, com sua mãe, *Val*. A piscina ali, pronta para deleite e consumo de uns (*Fabinho*, amigos e patrões) e contemplação, trabalho

e horizonte sem fim para outros (*Val* e demais empregados), estabelece “a última fronteira” para estes últimos e a cineasta apresenta esta relação no decorrer do filme pois é nela, a piscina, que as fraturas (GREIMAS, 2002) “traduzidas” aqui como passagem acontecem, desvelando um cotidiano alternativo para *Jéssica* e *Val* – ainda que esta última o vá perceber tardiamente ao final da película.

Figura 1: Abertura do filme (piscina)



Fonte: Que horas ela volta?, 2015.

A figura 1 mostra então o vazio preenchido (preenchido com coisas, vazio de pessoas), mas que logo começa a tomar vida na sequência seguinte (figura 2) com *Fabinho*, ainda criança, cruzando uma das margens da piscina. As duas cenas que inauguram o filme já mostram a proposta estética sugerida: a água é quem vai modular a dinâmica da relação ali na família.

Figura 2: Abertura do filme (Fabinho na margem da piscina)



Fonte: Que horas ela volta?, 2015.

A cena subsequente (figura 3) mostra, de início a relação de *Val* com a piscina. Ela joga um brinquedo na água para que *Fabinho* pule atrás dele, ou seja, ela é espectadora daquele

objeto, não há interação. O papel dela ali é a de recriadora do ambiente – e do garoto. A água mais uma vez é o pano de fundo para que a vida se desenvolva e é ela também que mais tarde vai estabelecer as fraturas (GREIMAS, 2002) na ordinaridade da vida daquela família classe média paulistana.

Figura 3: *Val* diante da piscina



Fonte: *Que horas ela volta?*, 2015.

Antes dessa sequência, porém, ela diz ao menino “(...) agora tu vai ver o maior campeão das Olimpíadas” e com essa frase faz um gesto imitando os movimentos de natação. Nesse momento é curioso pensar que a personagem fantasia sobre algo para o garoto pensando nela mesma porque diz que o ele, o menino, vai ver “o maior campeão” ou seja, vai ver a si mesmo. Ato falho, ou *Val* pensou nela mesma e trocou por ele, *Fabinho*? O gesto era dela, ele era quem iria ver (a performance dela nessa tal olimpíada) mas por uma fração de segundos, trocou o artigo definido como se lembrasse que ela não teria tais oportunidades e o espectador daquela história era ela, não ele. A atitude de *Val* faz eco com os “prazeres desinteressados” de Gumbrecht, que é o “prazer que independe dos propósitos e das funções que perseguimos nos nossos mundos cotidianos (GUMBRECHT, 2006, p. 53).

Diante da piscina, logo no começo do filme a cineasta já então mostra que a piscina vai acompanhar os momentos de reunião e ruptura dos personagens da película.

A cena seguinte (figura 4) apresenta então a importância social dos padrões de *Val*. Nela, a doméstica acompanha, atrás das câmeras a gravação de uma entrevista da sua patroa para

um programa de TV. Ali, outra vez, aparece a piscina, como signo de importância, imponência e, acima disso, lugar onde só “alguns poucos” têm acesso.

Figura 4 – Piscina evidencia a importância dos padrões



Fonte: Que horas ela volta?, 2015.

Na cena, todos estão mais próximos da piscina que *Val*. Ela é a última, a que só acompanha os bastidores, que não sabe o que é protagonizar algo, que não sonha o que isso possa ser. Essa cena também antecede o pedido de *Val* para que a filha *Jéssica*, que está vindo de Pernambuco para prestar vestibular em São Paulo, possa ficar por um tempo ali na casa com ela. É a piscina (a água), novamente, marcando e acompanhando as decisões importantes do filme.

A narrativa segue e *Jéssica* chega e, com seu jeito descolado e autêntico vai conhecer a piscina da sua nova casa. Como gosta de arquitetura e deseja ingressar na área, contempla a paisagem (figura 5) ao lado (e não atrás ou em outro plano) dos donos da casa – ela, a filha da empregada. Nesse momento tem-se um “deslumbramento feliz” (GREIMAS, 2002) que é o momento em que a visão daquele objeto estético parece provocar reflexões acerca da igualdade/desigualdade, equidade/inequidade da situação: *Jéssica*, a filha da empregada está alinhada junto aos padrões conversando, trocando ideias, com a postura de quem não se acha desigual a ninguém ali daquela cena e esse deslumbramento se realiza pelo ato prosaico do olhar para um objeto e não para a situação “estranha” causada pela condição em que esta visão acontece.

Figura 5 – *Jéssica* observa a piscina (junto aos patrões de sua mãe)



Fonte: Que horas ela volta?, 2015.

Essa cena (figura 5) também vai surpreender *Val*, causando na personagem um certo desconforto, pois começa a perceber que a filha é diferente do que ela esperava (submissa, ciosa de seu lugar na sociedade, “do lar”). A piscina (e com ela a água) volta a marcar presença nas cenas do filme. A figura 6 mostra a chuva (aparentemente torrencial) sobre ela. Na cena, a água da chuva se mistura à da piscina, uma água que vem de fora (não se sabe onde) mas que vai promover uma fusão de conteúdo ali naquele local. Essa passagem mostra metaforicamente que *Jéssica* (vindo de fora, água da chuva) já está se inserindo na família (água da piscina). A cena imediatamente anterior a esta é a da garota comendo o chocolate favorito de *Fabinho*, em companhia do chefe da família, quer dizer, a sequência da chuva na piscina, sacramentaliza essa fusão apontando os desdobramentos de uma certa “mestiçagem herética”.

Figura 6 – Chuva torrencial na piscina como metáfora

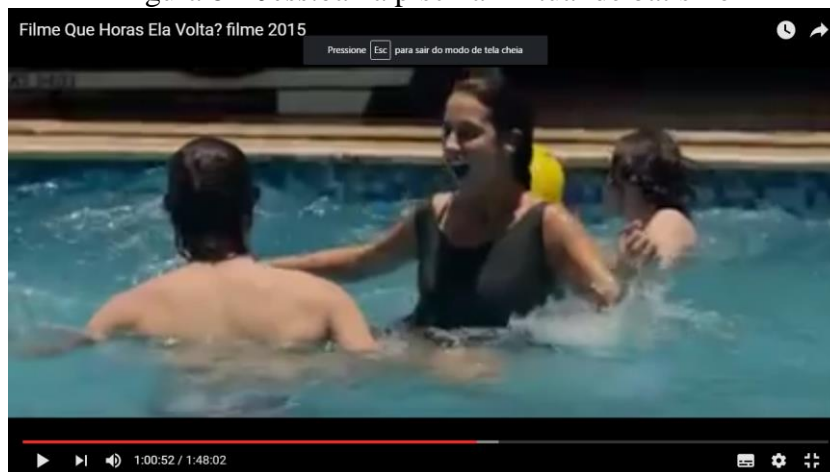


Fonte: Que horas ela volta?, 2015.

Jéssica então vai se ambientando, tomando conta do lugar ao qual já começou a se misturar e a cena (figura 8) mostra uma espécie de ritual de batismo: a menina cai na piscina com *Fabinho* e seu amigo, sacramentando de vez a inserção na família. Está aí mais uma fratura (GREIMAS, 2002) na trama, pois o dia a dia daquelas pessoas, que já vinha se alterando com a chegada da garota filha da empregada, rompe com os padrões pré-estabelecidos mesmo que implicitamente.

A partir daí a dona da casa começa a ficar incomodada, tanto que, ao presenciar a cena da menina na piscina, manda o funcionário limpar a mesma. Fala-se de um rato que teria sido visto lá, mas esse rato pode ser *Jéssica*, alguém que veio do submundo, entrou sem avisar no berço de diversão classe média ali e promoveu uma mistura nada apetecida ao paladar da (nova) rica.

Figura 8 – *Jéssica* na piscina – ritual de batismo



Fonte: Que horas ela volta?, 2015.

E de novo a piscina entra em cena (figura 9), agora à noite, já com pouca água (resultado da limpeza que começara a acontecer), e na sua borda estão os personagens *Jéssica* e *Fabinho*. Ele começa a fumar (o filme sugere ser maconha) e a garota também fuma com ele. No diálogo o menino pergunta se *Jéssica* é virgem e ela ri dele devolvendo a pergunta. O menino pergunta então se ela acha que ele também é virgem e ela diz “tu tem cara de virgem” e os dois riem, fruto da natureza do diálogo e também (pode ser) do efeito da droga ali presente. A piscina testemunha então a questão da sexualidade juvenil. O filme vai mostrar mais à frente que *Jéssica* já é mãe, o que vai revelar os diferentes caminhos que jovens da mesma idade, mas de classes sociais diferentes tomam na vida. Para *Fabinho*, *Jéssica* é muito madura e pode ensinar muita coisa a ele; para ela, o garoto ainda é uma criança.

Figura 9 – Conversa sobre sexo à beira da piscina



Fonte: Que horas ela volta?, 2015.

Quando *Val* decide ir embora da casa dos patrões, ela comunica a sua patroa tendo a piscina como testemunha (figura 10). É a reiteração isotópica acontecendo e mostrando também a opção da diretora ao marcar os principais acontecimentos da história, com um objeto. Curioso notar que a mesma Anna Muylaert faz isso em *Durval Discos* (2002), com a presença do cavalo e aqui ela repete seu traço cinematográfico, desta vez com a piscina.

Figura 10 – Val pede demissão (piscina ao fundo, como testemunha)



Fonte: Que horas ela volta?, 2015.

O batismo

Já ao final do filme, *Val* aparece sozinha e a cena (figuras 11) destaca o momento: tudo vazio (piscina, deck, quintal, sala de ginástica e olhar da personagem). Nesse instante a solidão da personagem é tão grande que ela pega o celular e liga para a filha para avisar que

está na piscina da casa dos patrões (uma novidade para ela, já que nunca quisera – ou pudera? – desfrutar). A jovem não atende o celular e *Val* deixa o recado na caixa postal, contando, toda feliz, o feito.

Figura 11 – *Val* experimenta piscina dos patrões



Fonte: Que horas ela volta?, 2015.

No entanto, é nessa hora (figura 12) que *Val* inicia sua “passagem”, sua transformação, como que num momento revelador, ou segundo Gumbrecht (2006) uma pequena crise, que então vai desencadear decisões que vão alterar o curso da história.

Figura 12 – *Val* caminha (cruza) a piscina)



Fonte: Que horas ela volta?, 2015.

Depois de experimentar a água, passear por ela, sentir na pele sua textura, *Val* também está preparada para deixar a casa dos patrões. Como num ritual de passagem então, as isotopias nas cenas revelam que a mudança que acontece na vida da personagem, vem após uma

sucessão de vitórias e fracassos, perdas e ganhos, mas acima de tudo, muita luta. Metáfora da purificação, a água representa para Val a coragem para iniciar a mudança.

Considerações finais

Em *Que horas ela volta?*, a piscina, a água, e o lúdico na cena de Val, já no final do filme (figuras 11 e 12), mostram a personagem disposta a estabelecer a religação de seus laços. A felicidade ao contar à filha *Jéssica* o quanto ela estava feliz por ela ter sido aprovada no vestibular, opera como *start* para uma nova vida: agora sim Val vislumbrava a outra margem do rio (como em *Diários de Motocicleta*, 2003), uma nova esperança e, talvez, o sonho de trilhar, mesmo que por meio da filha e neto, um novo caminho.

No filme de Muylaert, temos então a água como recurso estético que lava a personagem de Regina Casé e leva com ela toda a impureza (entendida como medo, receio, fraqueza, titubeio) numa alusão a um ritual de batismo, no sentido também de “imersão” e “mergulhar” (Origem da palavra, 2016) onde a passagem e a transformação servem de trampolim para um recomeço das personagens da película.

A piscina no filme pode ser entendida também como uma metáfora social pois está ausente da maioria das casas das *Vals* e *Jéssicas* Brasil afora, mas presente no imaginário popular de uma passagem para uma vida boa e confortável.

Bibliografia:

ADOROCINEMA.COM. **Crítica Que horas ela volta.** Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-231230/criticas-adorocinema/>>. Acesso em: 17 mai 2016.

DIÁRIOS DE MOTOCICLETA. Direção: Walter Salles. Produção: Edgard Tenenbaum, Karen Tenkhoff, Michael Nozik. Argentina / Brasil / Chile / Inglaterra / Peru: FilmFour, 2004. 1 DVD (130 min.), son, color.

DURVAL DISCOS. Direção: Anna Muylaert. Produção: Sara Silveira. Brasil: África Filmes, 2002. 1 DVD (96 min.), son. color.

FREUD, S. **O inquietante.** In: FREUD, Sigmund. História de uma neurose Infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917- 1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GREIMAS, A. J. **Da Imperfeição.** São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GUMBRECHT, H. **Pequenas crises**: experiência estética nos mundos cotidianos. In: Guimaraes, C; Leal, B; Mendonça, C. Comunicação e experiência estética. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2006.

JULIETA. Direção: Pedro Almodóvar. Produção: Agustín Almodóvar, Esther García. Espanha: El Deseo, 2016. 1 DVD (96 min.). son, color.

LA PISCINE. Direção: Jaques Deray. Produção: Gérard Beytout. França: Gérard Beytout, 1969. 1 DVD (120 min.), son, color.

MÁ EDUCAÇÃO (LA MALA EDUCACIÓN). Direção: Pedro Almodovar. Espanha: El Deseo, 2004. 1 DVD (105 min.), son, color.

METZ, C. **Linguagem e cinema**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1980.

PICHONELLI, M. **O retrato incompleto de “Que horas ela volta?”**. In: CartaCapital. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-retrato-incompleto-de-que-horas-ela-volta-6859.html> >. Acesso em: 17 mai 2016.

QUE HORAS ELA VOLTA?. Direção: Anna Muylaert. Produção: Anna Muylaert. Brasil: Africa Filmes, 2015. 1 DVD (114 min.), son, color. Disponível em: <<http://globofilmes.globo.com/filme/quehoraselavolta/>>. Acesso em: 17 mai 2016.